

SEXUALIDADE E LITERATURA

Dhemersson Warly Santos Costa¹

Resumo: Esta proposta insere-se no campo de debate sobre sexualidade a partir da filosofia da diferença de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Para compor a discussão, obras literárias de autores como Caio Fernando Abreu, Anais Nin, Virginia Woolf e Nelson Rodrigues, serão tomadas como disparadoras de blocos de sensações, pois estes renunciam as identidades dos personagens, para dar lugar ao movimento intensivo dos corpos transeuntes pela vida, fabulando sexualidades inventivas, produzindo um embaralhamento de ideias no leitor, levando-nos a refletir sobre a potência da literatura como produtora vital de existências e resistências, que corroboram em novos pensamentos sobre a sexualidade.

Palavras-chave: Caio Fernando Abreu; sexualidade; literatura.

I

“Há um excesso de cores e de formas pelo mundo. E tudo vibra pulsátil, fremindo”.

Caio Fernando Abreu

Um convite... Maquinar um laboratório criativo dialogando sexualidade e literatura em uma semana acadêmica do curso de Licenciatura Integrada em Educação em Ciências, Matemática e Linguagens da Universidade Federal do Pará. *Desafio Aceito*. Convocamos para o ato os escritos literários de Caio Fernando Abreu e Nelson Rodrigues. Para mobilizar a temática da sexualidade roubamos da filosofia francesa contemporânea de Gilles Deleuze e Félix Guattari inspiração para conduzir as discussões. Uma trama está armada, em cena um laboratório de literatura e sexualidade e filosofia e... Alunos e professores em formação dramatizam este espetáculo, o que pode esse encontro? Que ressonâncias produzem? Que potências criadoras saltam do universal? Que ruídos elas vibram? Que fluxos ressoam nos corpos e no pensamento?

O ensaio pretende ponderar algumas reflexões sobre a potência da literatura em criar um embaralhamento nas concepções demasiadamente conservadoras que engendram a sexualidade em uma perspectiva meramente biologizante, reducionista e funcional, produzindo fissuras dentro e fora do espaço ficcional, instigando no leitor desassossego frente às possibilidades do novo.

A literatura e a sexualidade entram neste espaço formativo laboratorial para colocar o território da sala de aula em deriva. Interessam-nos os processos que atravessam as experiências sensíveis, saltando as maquinarias formativas compromissadas com o sujeito universal; os movimentos singulares e aberrantes traçados no interior da sala de aula; as sexualidades que atravessam esse corpo borrado de fronteiras, limites, horizonte e dão visibilidade há uma sexualidade produzida pela intensidade dos encontros.

II

A arte e suas variações voláteis, em especial a literatura, produzem forças, afetos, desejos... Blocos de sensações que movimentam o leitor, arrastando-o para o deserto, criando fissuras nas duras camadas que engendram as identidades. Mas nem toda literatura tem essa

¹ E-mail: dhemerson1.santos@gmail.com.

potência criadora. Deleuze e Guattari (1997) dirão que existem literaturas cuja única função é representar as histórias universais. Essas, não interessam aos autores, mas as *literaturas menores*, as quais não buscam o modelo, o universal, mas possibilidades de fugir dele. Uma literatura que *desterritorialize a língua oficial*, subvertendo a realidade, desintegrando o real, nos faz escapar, buscar o novo.

Na literatura menor tudo é *político* na medida em que desterritorializa grupos minoritários, marginalizados, ressoa vozes distintas, nômades, nela caso individual é necessário e indispensável. O próprio ato de existir é um ato político e revolucionário, o *valor é coletivo*, isto é, o interesse não reside unicamente no artista, ela toma conta de toda uma comunidade, inventa um povo (DELEUZE; GUATTARI, 1997).

Na produção do laboratório “Sexualidade e Literatura” tomamos como inspiradores as literaturas de Caio Fernando Abreu (Conto “Sargento Garcia”) e Nelson Rodrigues (conto “Delicado”). Os escritos (auto)ficcionais desses autores são colocados em perspectiva pela tematização da sexualidade para além dos sistemas morais de codificação social. Sexualidades que atravessam toda uma experimentação de si e do outro (FORSTE, 2015).

É importante ter em mente que não consideramos essas literaturas como “menores”, no sentido deleuze-guattariano, apenas pela visibilidade as outras formas de exercício da sexualidade, visto que muitos autores das ditas “literaturas gays” acabam retornando aos pressupostos que engendram as literaturas universais ao formalizar uma identidade homossexual como único princípio de verdade, limitando a multiplicidade de arranjos que atravessam a sexualidade humana ou pelas demarcações históricas no liame com o período de repressão, intolerância e violência da ditadura militar, bem como, também, o desconforto dos seus personagens frente as normatizações que lhe são impostas e o seu posicionamento político de resistência fundada na busca incansável por criar novas possibilidades de relacionamento “consigo” e com o “outro”.

A menoridade pela qual entendemos atravessar a obra desses autores percorre linhas muito mais profundas, criadoras na medida em que produz abalos nos sistemas de organização social, criando linhas de fugas inventivas, povoando o deserto a vida de n’ possibilidades, inventando um povo ainda por vir, colocando a língua em deriva para dar vazão as zonas de intensidades; potencializando os devires, fissurando o sentido das palavras (BRITO, 2015).

Não interessa na literatura menor aspecto léxico da obra, mas, sobretudo, o ritmo linguístico, o revolucionário, a gagueira que ela produz na língua. Caio Fernando e Nelson Rodrigues fazem esse esforço de apresentar ao leitor um povo que falta, pois “[...] escrever não é contar as próprias lembranças, suas viagens, seus amores e lutos, sonhos e fantasmas” (DELEUZE, 1997, p. 11), há toda uma coletividade maquinada por esses autores, um valor político.

Assim, a política imbricada na literatura dos autores ocupa um lugar de obstinada resistência, não por exercer uma militância, um engajamento, uma causa ou denuncia ao sistema, mas “por sua capacidade de criar aberturas dentro e fora do espaço ficcional, de desestabilizar visões demasiado conservadoras, que não se limitam às configurações sócio-históricas figuradas” (FOSTER, 2015, p. 85). Diante desta política de criação de um “novo olhar” que levamos esses autores para dentro dos espaços formativos de uma licenciatura integrada, em razão da sua potência para ativar a criação de linhas de fugas que escavam trincheiras em um território fechado deixando vazar outros modos de existência, criando saídas... Um novo olhar, multiplicando e proliferando vidas no deserto e afirmando as potências da vida.

A Literatura é maquinada na proposta do Laboratório sem hierarquias e conclusões desnecessárias, mas como potência criadora de afectos e perceptos. O encontro entre Literatura e Sexualidade em um laboratório de leitura mobilizou a escrita de um bloco de imagens que não tem por intenção representar o real, o verdadeiro, muito menos presentificar um instante, mas, antes de tudo, dar passagem aos blocos de afetos e perceptos que atravessaram os corpos

dos participantes do laboratório a partir do encontro com a literatura, colocando a sexualidade em perspectiva. Alguma coisa mudou? O que/Como? Haverá reverberações em seus processos formativos professorais? Em suas vidas? Seus corpos? Seus pensamentos? Não sabemos, nem buscamos por essas respostas, o que interessa é mobilizar uma literatura como processo criativo, possibilitando pensar outras conexões, outros arranjos, dar visibilidade ao que é vital, as intensidades para além dos regimes identitários, dos binarismos e das dicotomias, deixando vazas pequenas frestas de uma diferença pura, povoada por singularidades.

Um laboratório de leitura e escrita é apresentado. Professores e alunos conversam, falam das suas expectativas com o curso, da proposta, dos medos, anseios... Uma leitura coletiva começa pelo meio, com a palavra, Caio Fernando Abreu e o seu conto “Sargento Garcia”, para compor a trama Nelson Rodrigues e o conto “Afeminado”. Juntos, alunos, professores, Nelson Rodrigues, Caio Fernando, Deleuze, Guattari, Sargento Garcia e Euzebinho dramatizam esse laboratório. Entre uma leitura e outra, pausa, seguido de diálogo, conversa, reflexão, digressão... Alunos expõem suas opiniões, narram suas experiências resgatadas no mais profundo de sua memória. Um convite é lançado, uma escrita coletiva. No centro da sala, papéis, canetinhas e Lápis são espalhados pelo chão... Sem objetivos pré-definidos, formatações ou explicações, alunos e professores escrevem, pintam, fazem colagens, desenham sobre tudo aquilo que estão sentido, pensando, desejando... Nessas produções, ora de escrita, ora imagéticas, ressoam conexões, linhas muito tênues entre a literatura e a sexualidade que estão para além de um centro motor do é.

III

O que pode um laboratório de leitura escrita? Que ruídos podem produzir nos sistemas de codificação social que engendram a sexualidade? Que sexualidades são produzidas a partir destas leituras? Quais os efeitos escapam dos domínios identitários para pensar uma sexualidade outra? Que sensações a literatura é capaz de criar? O que passa entre sexualidade e literatura em um laboratório de leitura e escrita? Que efeitos ressoam no pensamento e no corpo dos participantes? Que vitalidade a literatura traz para o exercício corporal de outras possibilidades de existência? Que potências oferecem a literatura e seus atravessamentos com a sexualidade para os processos formativos professorais? Como o heterogêneo salta as uniformizações formativas professorais?²

Memória

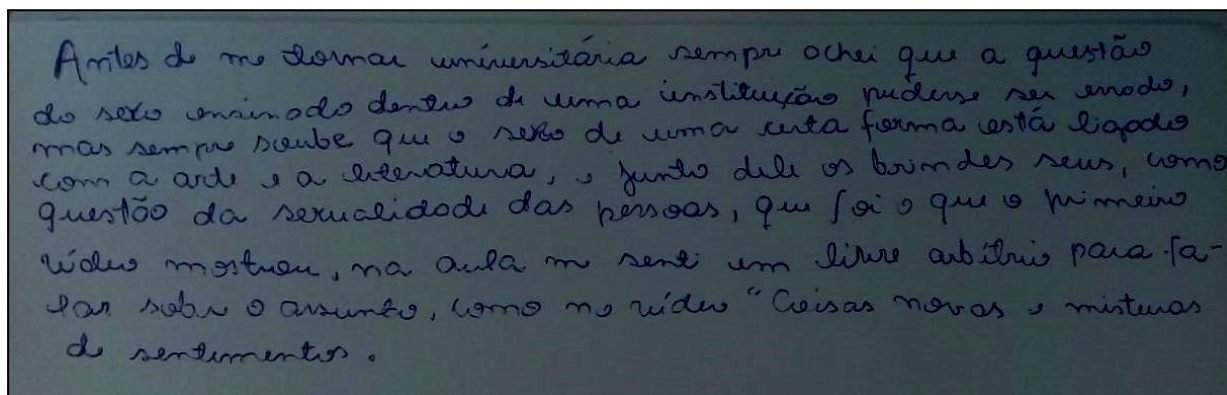


Figura 1 – Relato de uma aluna – Fonte: dos autores

² Todas as imagens/escritas que compõem esse bloco foram produzidas durante o laboratório de literatura e sexualidade.

Que corpo é esse?

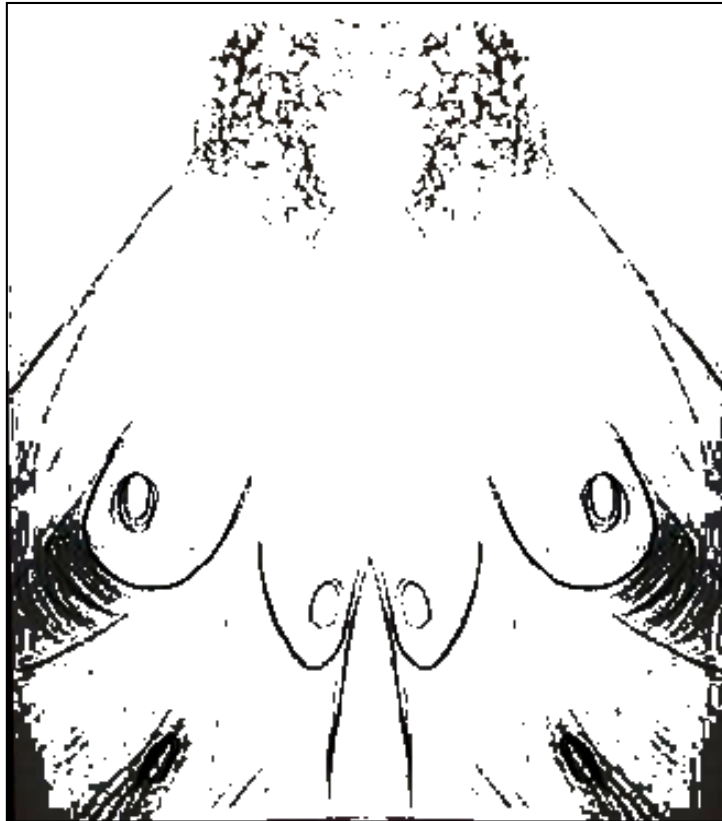


Figura 2 – Imagem produzida por uma aluna – Fonte: dos autores

Nas trilhas do julgamento

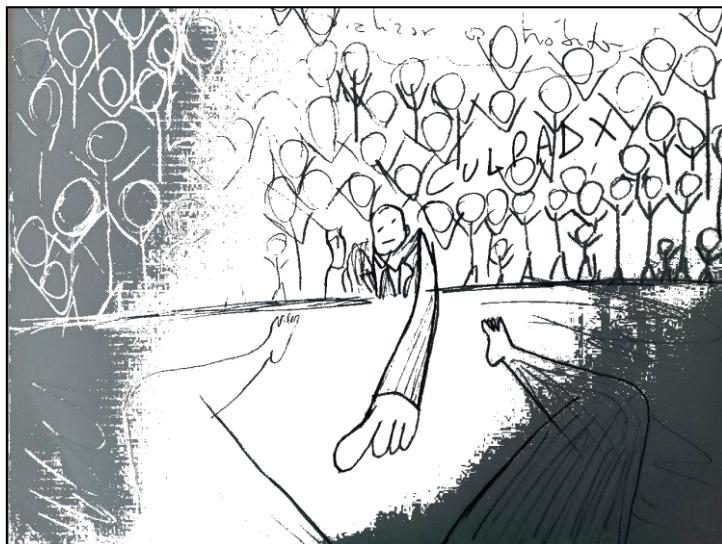


Figura 3 – Imagem produzida por uma aluna – Fonte: dos autores

Cartas para ninguém

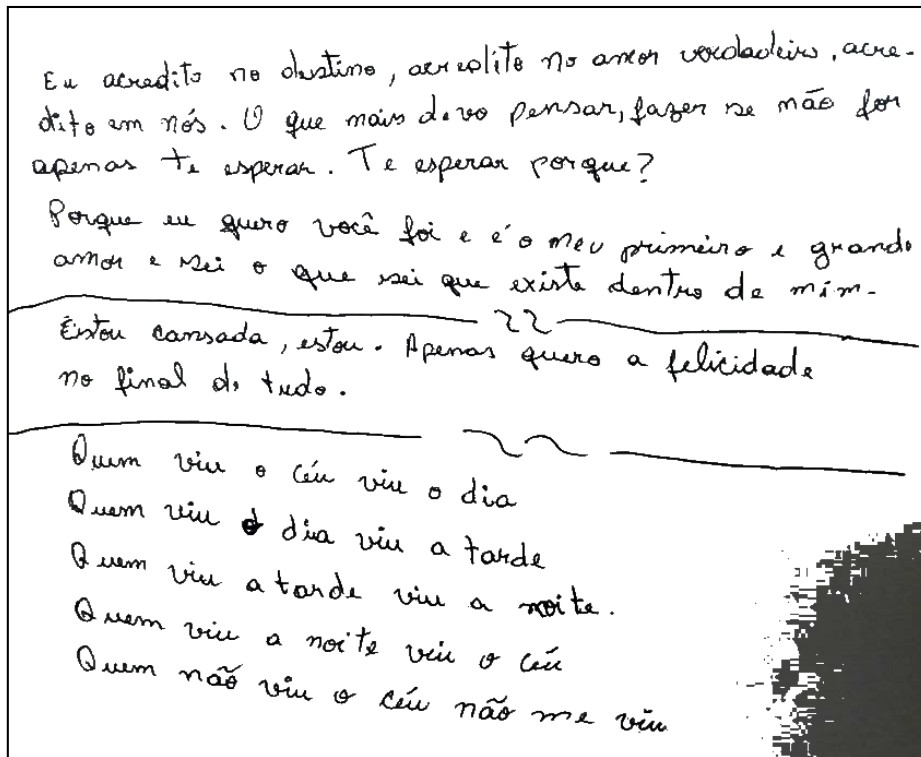


Figura 4 – Relato de uma aluna – Fonte: dos autores

Corpo híbrido

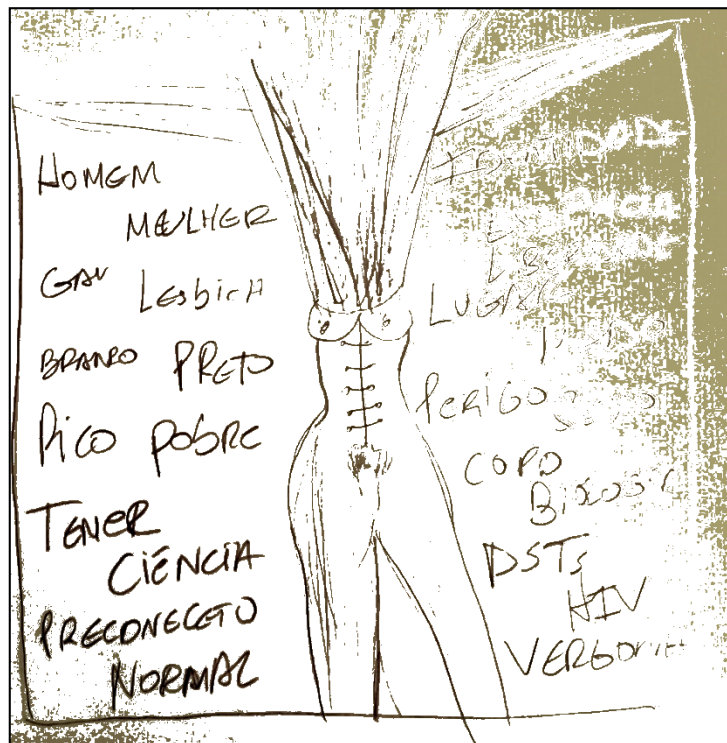


Figura 6 – Imagem produzida por uma aluna – Fonte: dos autores

A sexualidade não quer ser interpretada, mas experimentada... A literatura é esse canal de vazamentos, ela não movimentam um mundo imaginário, ela é a manifestação da vida na sua mais pura singularidade. A literatura coloca em perspectiva as potências criativas de um corpo, mesmo que seja por imagem, ora, a imagem também é um texto. O corpo não tem unidade, mas intensidades. Forças do desejo o atravessam, corta, desfaz combinações sólidas, produz outros arranjos... Arranjos impossível, improváveis, inacabados, colocam a verdade em questionamento, o que pode mesmo um corpo? Não sabemos, nem queremos interpretá-lo, ele é borrado nas fronteiras em contato com o sensível, na intensidade dos encontros, dos afetos... Toda uma maquinaria social é operada no engendramento da vida. Corpo e Sexualidade retalhados pelos signos do julgamento e da moral... O corpo e suas variações profanas... Culpado! Gritam os burocratas e os moralistas...

IV

Fotografias, desenhos, relatos e escrituras mobilizam a escrita deste estudo, a literatura como potência do sensível, emissora de signos capazes de produzir encontros potentes; violentar o pensamento; colocar a sexualidade em questionamento, uma sexualidade aberta às singularidades, ao heterogêneo, o novo como possibilidade de existência, a criação e a invenção de uma vida, de uma sexualidade como linhas de fugas para escapar do modo de vida representacional. Criar outros mundos, outras vidas, experimentar outras forças, afirmar as potências do corpo, da linguagem e do pensamento é o verdadeiro desafio que nos é lançado em meio ao deserto da vida. Experimente ler, criar, inventar uma sexualidade, uma vida, uma escrita, um corpo... Eis o convite que fazemos aos possíveis leitores, experimente! Pois como pensar outras formas de vidas quando o corpo não vive! não vive! não vive! Vive?

Referências

BRITO, M. R. *Entre as linhas da educação e da diferença*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Kafka: por uma literatura menor*. Ediciones Era, 1997.

FORSTER, G. *Devir-revolucionário nos escritos de Caio Fernando Abreu e de Reinaldo Arenas: traçados de um encontro (por vir)*. 2015. Tese de Doutorado – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2015.